

RESENHA

CRÔNICAS DA NORMA E ENSINO DE LÍNGUA

Por: Alessandra Ferreira IGNEZ¹

Doutora em Letras ó FFLCH ó USP
Docente do IFSP ó Campus São Paulo
São Paulo ó SP ó Brasil

A coleção *Crônicas da Norma ó pequenas histórias gramaticais*, escrita por Blandina Franco ó autora de livros infantis ó e publicada pela Editora Callis em 2013, apresenta-se como uma obra cujo objetivo é ensinar gramática de forma prazerosa, a fim de que o aluno possa õfalar com mais clareza, escrever melhor e se dar bem na provaõ. Para tanto, a autora aborda alguns tópicos linguísticos, transformando-os em personagens de õpequenas histórias gramaticaisõ. Nesse contexto, lança-se mão da prosopopeia como um meio de atrair leitores para um universo didático-ficcional que apela para o lúdico e o humor, lembrando, nesse ponto específico, a obra lobatiana õEmília e o país da gramáticaõ.

Dividida em três volumes, a coleção ocupa-se de alguns pontos da Fonética, da Morfologia, da Sintaxe e da Estilística. Um dos volumes dedica-se a aspectos fonéticos e morfológicos; o outro, a sintáticos; e um terceiro, a estilísticos. O trabalho conta com a consultoria gramatical de Gabriel Perissé e com a ilustração de José Carlos Lollo. Apesar da abordagem divertida e não tradicional realizada, a obra ainda perpetua a visão de gramática como norma de bem-dizer, sendo, por vezes, essa posição reforçada por conselhos de natureza prescritiva (õNunca exagere na Sínquise!õ), o que a situa também entre produções que tendem a deslizar para um campo mais normativo.

¹ Endereço Eletrônico: ale_ignez@hotmail.com

A Norma é personificada e ganha vida por meio do texto, bem como da ilustração que traz uma senhora de óculos, segurando um livro e usando uma roupa mais comportada. Ao seu lado, na referida imagem, há uma máquina de escrever sobre uma máquina de costura cujo pedal está na forma de uma língua. O quadro construído leva o leitor a compreender a Norma como uma pessoa antiga, tradicional, e o texto acaba por endossar essa leitura realizada: "Muita gente não gosta da Norma. Dizem que ela é chata, cheia de vontades e mandona. Geralmente isso é verdade, mas, de vez em quando, se não fosse a Norma, a gente ficava completamente perdido (...) (...) quando você segue a Norma, é muito mais garantido conseguir o que você quer."

As passagens citadas também esclarecem que, do ponto de vista da obra, o uso da gramática padrão, ainda que enfadonho, pode ser mais eficaz para o convencimento, a comunicação. Valeria uma nota ou uma ponderação da autora, tendo em vista ser a situação enunciativa determinante para a escolha do uso formal ou não da língua como meio de se obter a adesão do interlocutor.

As já largamente difundidas noções de variação linguística perdem espaço na coleção, pois, nela, reafirmam-se as ideias de certo e errado e, conseqüentemente, de bonito e feio. Além disso, reforça-se a crença de que a compreensão entre falantes ocorre por meio de um discurso gramaticalmente correto: "Todo mundo sabe e concorda que é chato uma pessoa dizendo o que é certo e o que é errado, o que pode e o que não pode, o que é bonito e o que é feio. Principalmente porque algumas vezes não dá pra entender muito bem o porquê dessas ordens dela e outras vezes nem tem porquê mesmo. É assim porque a Norma manda, e pronto. Mas a verdade é que se a gente fizer o que a Norma manda, a gente se entende melhor, compreende o que o outro está querendo (...)". Nesse sentido, o pedal da máquina de costura da ilustração permite entender que a língua pode ajudar a costurar um texto, que, de preferência, traga uma linguagem "correta", formal.

Os excertos selecionados, de certo modo, parecem desencorajar posicionamentos críticos dos alunos em relação à gramática ou eventuais questionamentos de suas regras. Um discurso que, em parte, nega explicações, ganha um ar impositivo. As ilustrações e as pequenas histórias, assim, mascaram e tentam atenuar um posicionamento tradicional.

As áreas de Fonética, Morfologia, Sintaxe e Estilística são consideradas auxiliares da Norma, tendo em vista que esta, de acordo com a obra, está sobrecarregada de trabalho. À primeira, atribui-se o cargo de assistente especialista em língua portuguesa, música, pronúncia e som; a Morfologia e a Sintaxe são descritas como cientistas renomadas, cabendo àquela o

estudo das palavras e a esta o da relação entre as palavras na frase. Os três campos do saber (personificados) são retratados, por meio do discurso, como tradicionais e profundos conhecedores da língua: a Fonética, além de saber tudo sobre língua portuguesa, é formada em música (...); a Morfologia é uma cientista que se graduou nas mais renomadas universidades da ciência falada ou escrita, e que passou grande parte da sua vida acadêmica estudando palavras dentro de pipetas (...); a Sintaxe (...) é considerada o seu braço direito [da Norma]. Existe, assim, uma valoração positiva dessas áreas, o que não se observa em relação à Estilística.

A ilustração do volume dedicado a esse domínio do saber traz uma estilista fazendo o papel de Estilística, e o texto de apresentação afirma ser a disciplina a mais expressiva, fleumática, chique e elegantes de suas [da Norma] colaboradoras, e que trabalha de terça a quinta, porque passa os finais de semana estudando moda em sua casa de Angra. Ela é especialista em estilos, formas, maneiras de expressar sentimentos e coisas, tanto escritas quanto faladas. As considerações feitas demonstram que a coleção traz uma visão bastante simplista da área. Nesse volume, o sumário apresenta um rol de figuras de linguagem, o que faz o leitor inferir que a área compreende apenas questões bem restritas relacionadas à linguagem. Além disso, as figuras são tomadas como meros ornamentos discursivos, haja vista a seguinte passagem: Se você se sente um pouco perdido quando o assunto é estilo e figuras de linguagem, ou se não consegue descobrir a diferença entre o chapéu na cabeça da modelo em um desfile de Jean-Paul Gaultier e a cactua da sua tia, não se preocupe, ela pode dizer se isso é um problema de moda ou de anfibologia. O espaço destinado à Estilística, portanto, é o mesmo de muitas gramáticas tradicionais, sendo pertinente esclarecer que a disciplina não se ocupa somente de figuras, mas de todos os usos linguísticos que possam promover efeitos de sentido em um dado contexto, o que acaba por mostrar equivocada a abordagem realizada na obra.

Cabe também assinalar que a Estilística não é normativa, mas descritiva, fazendo com que o trecho O seu conselho para quem quer escrever é: nem todo mundo fica bem em um pretinho básico ou citando um livro de Drummond (embora todo mundo tenha que ter pelo menos um de cada para emergências), então pesquise, leia muito e descubra o seu estilo. E nunca exagere na Síntese! revele, do mesmo modo que o anterior, uma visão reducionista e errônea da área. No final da leitura global da coleção, entende-se que as outras áreas recebem um tratamento diferente pelo fato de a obra compreender que as pesquisas voltadas à Fonética, à Morfologia e à Sintaxe possuem um respaldo mais científico que as dos estudos

estilísticos. Infere-se, portanto, que, ainda assim, um volume compreende questões de estilo, porque os idealizadores da coleção percebem a Estilística como uma disciplina normativa, indicando formas de bem dizer, o que vai ao encontro da natureza prescritiva da obra.

Nota-se também que a tentativa de um ensino por meio de um instrumento lúdico é reduzida à formulação de pequenas histórias gramaticais descontextualizadas. Nelas, os temas gramaticais são personificados e, forçosamente, são realizados usos linguísticos reiterados correspondentes aos assuntos abordados. Textos e ilustrações, ademais, no geral, não se complementam na obra; parecem estar dissociados, sem uma relação direta.

Por meio da leitura da coleção, pode-se, em princípio, afirmar que *Crônicas da Norma...* não deve atingir seus objetivos. O humor, descontextualizado, não é suficiente para garantir um processo de ensino-aprendizagem eficaz.

Envio: Maio/2016

Aceito para Publicação: Maio/2016